



Marujada(s)¹: a tradição ainda resiste

Carolina Rabelo da Silva²

Édipo de Queiroz Santiago³

Jeniffer Ratis Terra da Trindade⁴

Natália Ferreira Mello⁵

Rayane Clícia Ataíde Palheta⁶

Renata Simões Fernandes⁷

Otacílio Amaral⁸

Universidade Federal do Pará, Pará, PA

RESUMO

O presente trabalho visa compreender e discutir a Marujada, manifestação cultural-religiosa de Bragança, com base nos conhecimentos a respeito dos processos contemporâneos de globalização da cultura. A partir de uma pesquisa em campo feita por membros da equipe e por um levantamento bibliográfico traçamos uma problemática que consiste em uma coexistência de várias Marujadas no interior dessa manifestação.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; contemporâneo; hibridações; Marujada.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito compreender a história da Marujada Bragantina de São Benedito e os processos contemporâneos da manifestação que reverencia o Santo Preto, que ocorre no município de Bragança, no Pará, há mais de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: carolina_rabelos@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: egs@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: jenifferjornalista@yahoo.com.br

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: nataliafmello@msn.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: rayane_ataide@hotmail.com

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: re_si_fe@yahoo.com.br

⁸ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social do ILC-UFPA, e-mail: otacilio@ufpa.br

duzentos anos. A partir da interpretação realizada pelo grupo, sugere-se a existência de uma diversidade de ritos dessa manifestação cultural-religiosa.

Além de o artigo trabalhar com o contexto histórico, que conta a história da cidade de Bragança, ele também discute o que é e o que representa a Marujada, a perenidade característica dessa manifestação e que a faz resistir mesmo depois de dois séculos. Além disso, a existência de diferenças entre a “Marujada da Igreja Católica”, “Marujada da Irmandade” e a “Marujada Popular”, observada por nós, membros da equipe.

Bragança: terra de homenagem ao Santo Negro

Localizada no nordeste do estado do Pará às margens do Rio Caeté, a cidade de Bragança é muito conhecida e visitada por seus pontos turísticos, praias, comércio, flora e principalmente pelas manifestações cultural-religiosas. A origem de Bragança gira em torno do ano de 1613 quando o francês Daniel de La Touche e sua expedição chegaram onde hoje estão as terras bragantinas (SILVA, 2006), região esta habitada pelos índios Tupinambás.

As cidades paraenses têm um histórico grande de imigrantes, com Bragança não foi diferente. Sua população é formada da mescla de três elementos étnicos: o índio, o negro e o branco. A complexidade da festa da Marujada deve-se a esse fator.

Marujada Bragantina, como tudo começou

A Marujada de Bragança é uma manifestação religiosa e cultural realizada por dança e música, que possui características próprias diferentes do outro tipo de Marujada, que ocorre em vários estados do Brasil, que trata de um auto encenado com referência a episódios da vida marítima portuguesa, remanescente do período das grandes navegações.

“No Brasil colonial, o governo permitiu aos escravos a criação de irmandades e confrarias, que se reuniam por motivos religiosos” (MORAES et al, 2006, p.39). Os aflitos, segundo Rosário (2000), recorrem aos santos com que mais se identificam e os negros sentiam a necessidade de irmanarem-se nessa identificação humana e divina do santo. Em 1798, quatorze escravos moradores da antiga Vila de Bragança receberam o consentimento de seus senhores para a organização da Irmandade de São Benedito e a construção de uma igreja em homenagem ao santo. Sendo com isso

realizada a primeira festa em louvor a São Benedito, também chamado de Santo Preto. Em sinal de reconhecimento e agradecimento, os negros foram até a frente das casas de seus senhores e fizeram apresentações de danças. No ano seguinte repetiu-se a manifestação, com danças e exibições coreográficas à porta dos senhores, passando a fazer parte da festa dos negros, dando origem à Marujada (MORAES et al, 2006).

Festejar é agradecer na devoção festiva da Amazônia, deste modo, a Festa de São Benedito será sempre alegre como comemoração e rememoração da liberdade conquistada pelos escravos (ROSÁRIO, 2000, p.199). De acordo com o historiador Dário Benedito,

A Marujada fixou sua história em narrações transmitidas sob múltiplas formas de documentos e sentimentos, pelos quais e sobre os quais se construiu uma cultura bragantina. Instrumento principal desse progressivo desenvolvimento cultural foi o folclore, ou a dimensão folclórica [...]. Através da Marujada, o povo bragantino expressou a sua identidade acerca do mundo e de si próprio [...]. Realizou-se no folclore, pela Marujada e pelo culto a São Benedito, uma comunicação entre sujeitos, útil para o conhecimento mais acurado do que se presenciou e, através dele, para o aprofundamento e consolidação dessas respectivas identidades. Os populares selecionaram, dentre os seus costumes, aquilo que pudesse ser usado em sua defesa, frente a uma sensação de perda, de exploração e de expropriação, seja quando da escravidão, seja no processo de reintegração e posse movido por segmentos da Igreja Católica, evidenciando suas diferenças.⁹

A manifestação

A festividade de São Benedito tem início no dia 18 de dezembro com o ápice no dia 26 do mesmo mês (celebração do dia de São Benedito), encerrando-se no dia 31. As manifestações em louvor a São Benedito no Brasil são realizadas, geralmente, no mês de abril. Mas segundo o presidente da Irmandade, o padre só ia à cidade uma vez por ano para celebrar a missa do galo (dia 25 de dezembro). Assim sendo, o padre começou a celebrar a missa em homenagem ao Santo Preto no dia seguinte. Por esse motivo, a manifestação ocorre no mês de dezembro em Bragança.

A Marujada da Irmandade

A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança foi fundada em 3 de setembro de 1798, por iniciativa de escravos da Vila de Bragança. A Irmandade, a

⁹ SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. *Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2006.



Marujada, e toda a Festividade estão intimamente ligadas às principais tradições religiosas e culturais do povo bragantino.

A Marujada, organizada pela Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, é predominante feminina. O historiador Rosário (2000) explica que as mulheres negras sobreviveram como mães-pretas, amas domésticas, servas dos senhores e de seus filhos. Na Marujada existe uma hierarquia que demarca significativamente os espaços entre homens e mulheres, enaltecendo a figura feminina da maruja como a mais importante em todos os eventos da Festividade.

Hoje na Marujada existem cargos vitalícios, que são: o de Capitoa e o de Presidente da Irmandade, e os cargos eletivos, que são: o de Tesoureiro, Juiz, Juíza e Capitão.

O historiador Dário Benedito faz uma reflexão a respeito do caráter sagrado e do caráter profano da Marujada:

Não podendo ser dissociada do aspecto sagrado e devocional, mas fazendo parte dele, existe uma delimitação do espaço sagrado (com missa, novena e procissão) e do profano (com a dança, cavallhada, leilão, almoço) num sistema de representações bastante peculiar. Os atos religiosos eram realizados pelos padres da Diocese de Bragança. É a principal contribuição religiosa, histórica e folclórica do Nordeste paraense. E agora é patrimônio cultural, artístico, histórico e turístico do Estado do Pará.¹⁰

Rituais da Festividade

Esmolação: atos religiosos realizados por três comitivas de esmoleiros, que percorrem as regiões dos Campos, Colônias e Praias, próximas a Bragança, angariando esmolos e ofertas para a Festividade. Esses esmoleiros são trabalhadores ligados a pesca ou a agricultura. Cada comitiva, composta por dez esmoleiros, sai em visita à casa de fiéis, levando a imagem de São Benedito, e louvam em conjunto canções orantes em latim, ladainhas e folias em homenagem ao Santo Preto. Os devotos que recebem os esmoleiros pagam suas promessas hospedando-os e alimentando-os. Essa peregrinação tem início em maio e vai até a primeira quinzena de dezembro, é quando as imagens retornam a Bragança para continuar a esmolar em diferentes bairros da cidade até o dia 18 de dezembro com o início da festividade.

¹⁰ SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **Marujada de São Benedito – Marujada de São Benedito, jóia cultural de Bragança.** Disponível em: http://www.pmbraganca.pa.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=191:marujada-de-sao-benedito&catid=7:historia&Itemid=43. Acesso em: 09 jun. 2010.



Procissão fluvial: no dia 8 de dezembro inicia a Procissão Fluvial. A imagem de São Benedito deixa a casa do último promesseiro na localidade de Camutã (região das praias) e é conduzida pelo rio Caeté até o porto de Bragança.

Alvorada: abertura oficial da festividade em honra do Glorioso São Benedito é realizada no dia 18 de dezembro, a partir das 5 da manhã. Neste dia marujos e marujas ficam descalços e caminham em direção a Igreja de São Benedito, vestidos de azul e branco.

Almoço: O almoço é o pagamento de uma promessa que seu organizador, no caso juiz ou juíza, fazem ao Santo. Estes têm o compromisso de oferecer o almoço para a Marujada, nos dias 25 e 26 de dezembro.

Cavallhada: realizada no dia 25 de dezembro, à tarde, em uma área próxima ao aeroporto Santos Dumont. A cavallhada é uma competição de cavalos que lembra o combate entre cristãos e mouros nas batalhas medievais por territórios sagrados. É composta apenas por cavaleiros e suas montarias, que disputam argolinhas nas cores azul e vermelha. Vence quem conseguir alcançar o maior número delas.

Leilão: no dia 26 de dezembro, no barracão da Marujada, acontece o “Leilão do Santo”. A festividade corresponde a um cerimonial de trocas entre o promesseiro e São Benedito, em favor de graças alcançadas.

Procissão: A procissão é realizada no dia 26 de dezembro à tarde. Um dos momentos mais esperados pelo povo bragantino é quando a imagem do Santo Negro deixa a igreja para ser conduzida pelas ruas.

Despedida: No dia 3 a Marujada se apresenta no barracão de azul e branco até as 23h, quando fazem uma roda e a diretoria da Irmandade profere votos de um feliz ano novo. Daí segue os rituais da missa, e da escolha dos novos juízes, e um café da manhã é servido pelos novos juízes. As 23h as marujas voltam a Igreja de São Benedito para a derradeira cerimônia.

Música e dança

As danças executadas por marujos e marujas compõem uma parte do ritual, como forma de agradecimento ao Santo por graças alcançadas:

A dança da marujada é a parte profana da festa. Segundo historiadores, está ligada ao culto de São Benedito desde os seus primórdios. Ainda hoje prevalece na manifestação e segue um ritual com uma sequência fixa composta por: Roda, retumbao, chorado, nas quais se sente o ritmo do batuque negro; e mazurca, xote e

contradança, caracterizado como danças de salão européias. Essa união de estilos musicais distintos se chama suíte, termo utilizado na música erudita. As músicas que compõem a suíte da marujada são instrumentais. (MORAES et al, 2006, p.60)

A Roda é a dança que inicia e termina todo o ritual da Marujada, como forma de comemoração e agradecimento. No centro da Roda está a Capitoa e a Vice-Capitoa. Dário Benedito afirma em sua matéria que

a roda reflete e revive de forma expressiva a origem da festa, pois, nela, constituída em círculo apenas por marujas, pedem licença simbolicamente aos presentes e as autoridades para dar início a dança, assim como há quase dois séculos os escravos pediam permissão aos seus senhores para dançar de casa em casa, segundo a tradição.

O Retumbão é uma dança em ritmo de lundu, origem afro-brasileira, dançada em dois casais, sendo a mais importante dança do ritual.

O Chorado é uma ramificação do retumbão. É dançado com uma maior lentidão e suavidade, somente por um casal, escolhido aleatoriamente, e com alternância a cada final de dupla.

A Mazurca é uma dança popular polonesa. A diferença da mazurca polonesa para a mazurca dançada pela Marujada está no ritmo. Na primeira o compasso é lento, na segunda é ritmado, por ser primitivo e de origem africana. Na Mazurca, cavalheiros e damas com os braços envolvidos na cintura um do outro executam passos ligeiros, dois à frente e dois atrás.

O Xote é uma dança bem característica da cidade de Bragança, e foi justamente pela sua popularidade que ele se incorporou à Marujada.

A Contra-dança ou Bagre imita uma quadrilha, dançado em roda. É a única em que se percebe a presença do presidente da Marujada. É composta por casais formados livremente.

Instrumentos musicais

Os principais instrumentos que acompanham a manifestação cultural religiosa, Marujada são: Rabeca, Banjo, Tambor, Reco e Pandeiro.

Indumentária da Marujada

As marujas gostam de estar bem arrumadas no dia do Festejo a São Benedito, quanto mais enfeitadas, mais bonitas elas estarão. O historiador Dário Benedito explica em sua matéria que:

as marujas usam uma blusa branca, toda pregueado e rendada e a saia, vermelha ou azul com ramagens nessas cores. Na cabeça ostentam um chapéu todo emplumado e cheio de fitas coloridas e no pescoço trazem colares coloridos e dourados com medalhas

Com os homens não é diferente, eles também gostam de estar bem vestidos.

Dário Benedito esclarece que

os homens vestem calças e camisas brancas, usam chapéu de palha e carnaúba, revestido de pano com a aba virada e fixa em um dos lados com uma flor de papel, artificial em plástico vermelho ou azul, de acordo com a saia da maruja. No braço esquerdo, amarram uma fita, com um laço.

Marujada e Igreja Católica

É dentro da ideologia católica que se caracteriza a manifestação cultural bragantina Marujada. Nas palavras do historiador Ubiratan Rosário (2000, pg. 192),

integrados no mesmo perfil ideológico do Catolicismo emanado de Roma e levado a toda cristandade latino-americana desde a colonização, os dois espaços do sagrado em Bragança projetam linguagens específicas do cotidiano e do eterno, unidos no ciclo temporal com conotações de estilo para o profano, emblematizado no signo do Arraial, tanto o Arraial da Matriz quanto o de São Benedito.

Então, dentro da Marujada, além da organização dos devotos beneditinos, conhecida como “Sagrado Popular”, encontramos também o “Sagrado Eclesiástico”, uma das duas falas dentro da mesma ideologia católica. Mas a verdade é que a Igreja Católica e a Irmandade de São Benedito caminham relativamente separadas. Os padres estão no Caeté desde o século XVII, mas não aceitavam nenhum tipo de disputa de poder com a Irmandade de São Benedito.

É em 1753 que é construída a primeira igreja de Bragança, a atual igreja Matriz Bragantina. Com o crescimento da manifestação, a Irmandade de São Benedito solicitou ao bispo D. Antonio de Macedo Costa permissão para construir a igreja de São Benedito, concretizada em 1868. É então em 1963 que a Igreja entra em consenso com a Irmandade para que fosse feita a troca das igrejas (realizada em 1972) com o argumento de que futuramente, a igreja antiga ia ficar muito pequena para os fiéis. A imagem de Nossa Senhora do Rosário subiu para a Praça no dia 1º de Outubro, chegando até a igreja recém construída pela Irmandade, e a imagem de São Benedito desceu para a outra igreja às margens do Rio Caeté.

Apesar da devoção dos beneditinos ter surgido durante o período de colonização portuguesa, é entre os anos de 1906 e 1966 que ela atinge o seu auge. A

Irmandade do Glorioso São Benedito ganha autonomia jurídica total, com sua transformação em sociedade civil em 1947. Embora o culto a São Benedito tenha chegado às margens do Rio Caeté através dos colonizadores leigos, e não do Clero, os padres achavam que um leigo não poderia administrar a Igreja, e por isso acabaram entrando em conflito com os beneditinos.

Foi então, em 1947, que iniciou uma cisma pelo poder. A Igreja queria o controle da festividade, no sentido da celebração, da parte religiosa da festividade de São Benedito. Como a Igreja Católica possuía uma força hegemônica em Bragança, desfrutando de prestígio intelectual e político, chegou a conseguir extinguir a Irmandade de São Benedito. “De 1974 até 1988, quando o Clero vence a questão no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, é que se intensifica a tensão ideológica devocional e política entre os beneditinos e os diocesanos” (ROSARIO, 2000, pg. 208).

É então, a partir de 1988, pouco depois de ter sido criada a atual Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (1985), que o padre faz a entrega das imagens, em maio, para o começo da Esmolação.

A procissão de São Benedito, realizada na tarde do dia 26 de novembro, é um dos momentos mais esperados pelo povo bragantino. A procissão é organizada de acordo com a sequência determinada pela diretoria religiosa da Festa, a Igreja. Primeiro os membros da Polícia Militar e Rodoviária e da Guarda Municipal, com o objetivo de abrir espaço e garantir a passagem do cortejo. Após o primeiro momento, é a vez do destaque,

os Irmãos do Santíssimo Sacramento com um devoto carregando a cruz processional, uma cruz com a efígie do Cristo em metal, símbolo do poder eclesiástico, e a seu lado, com uma cruz de madeira, um marujo com a sua veste tradicional, representando a devoção popular (MORAES ac al, 2006, pg. 59).

A procissão segue com as marujas efetivas e promesseiras, que formam duas filas. Entre as alas, a Capitoa à direita e sua vice à esquerda, seguidas pelos juizes da festa. Seguindo, vão os marujos e o carro dos marujinhos, além do carro de som com cantores entoando hinos de louvores católicos. “As autoridades da Igreja Católica e a diretoria da festa seguem na frente do andor bem ornamentado e carregado pelos marujos de promessa” (MORAES ac al, 2006, pg. 59). Por fim, seguem os romeiros provenientes de outras regiões. A procissão segue sendo saudada com entusiasmo pelos fiéis. Os moradores das casas por onde passa a procissão enfeitam suas janelas e portas com pequenos altares com a imagem de São Benedito.

Os marujos também participam da caminhada, que é ritmada pela banda de música Cantídio Gouvêa desde 2002. Em sequência a procissão retorna ao largo da Igreja de São Benedito, e em frente ao barracão da escola está montado um palco, onde é celebrada a missa dedicada ao Santo. No fim da celebração, a imagem de São Benedito volta à igreja e continua a receber demonstrações de fé e devoção.

A Igreja percebe então, que a devoção beneditina reforça o catolicismo universal em Bragança. Ainda segundo o historiador Ubiratan Rosario (2000, pg. 213),

a tradição e o culto a São Benedito em Bragança como festa e devoção populares, favorecem grandemente o catolicismo na Amazônia, de modo especial nessa banda transitória entre a grande Região e o Nordeste Brasileiro. Propicia ao Clero o aprofundamento do discurso católico voltado para a realidade bragantina num sentido universalizante, de apelo localizado. Harmonia saudável entre o erudito e o popular.

Hoje, entre os integrantes da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança e a Igreja Católica existe uma paz condicionada. A partir de alguns acordos feitos entre as duas instituições, as decisões sobre os períodos das esmolações e das festividades da Marujada, são decididas em comum acordo entre a Igreja e a Irmandade. Porém, a partir das pesquisas feitas em campo e pesquisas bibliográficas, o grupo concluiu que a Igreja Católica consegue permitir que, em Bragança, seja mantida a cultura local da Marujada forte e consistente, mas isto é permitido porque é também importante para a Igreja Católica continuar a fortalecer a religião católica na região Bragantina. Vale destacar que para o historiador Dário Benedito da Silva, a Irmandade existe hoje porque a Igreja permitiu que existisse, mas pelo valor cultural, não pelo poder.

Marujada Popular

O grupo considerou e denominou, após pesquisas em campo, a Marujada Popular, que é aquela que não está diretamente ligada a Igreja nem a Irmandade de São Benedito, mas sim aquela que se liga à população, não só bragantina, mas também aos visitantes. Essa Marujada tem grande ligação, dentre outras coisas, com o turismo.

O turismo na cidade pode não influenciar diretamente nos rituais da Marujada, ou se influenciar, é de forma tão sutil que passa quase despercebida, mas é inegável que o turismo influencia diretamente na cidade de Bragança, principalmente na economia local. Durante a festividade, Bragança recebe em média 80 mil visitantes. O crescimento hoteleiro chega a ser de 80%. A procura pela cidade é tão grande, que as



reservas nos hotéis começam a ser feitas desde o início do ano. Além disso, ocorre um grande aumento do número de empregos temporários, o que é bastante benéfico para a população local.

Por conta, principalmente, da Marujada, a cidade de Bragança se tornou uma localidade de extrema vocação turística. Alguns pontos turísticos foram criados tendo como motivador a festividade, como por exemplo, o Mirante de São Benedito, uma espécie de Cristo Redentor de Bragança. Ao final de uma longa escadaria, existe a imagem gigantesca de São Benedito com o menino Jesus no colo. Outro exemplo que reforça a apropriação da Marujada pelo Turismo é o fato de no Museu da Marujada e na própria Igreja de São Benedito existir estantes com imagens e fitas do Santo Preto, para serem vendidas principalmente aos turistas.

Muitos turistas que frequentam a festividade se vestem de marujos apenas para sair na procissão, são os chamados marujos por ocasião. A partir daí, podemos notar alguma perda no valor simbólico da festa, visto que essas vestimentas se transformam quase como em abadá¹¹. Para muitos visitantes, a festividade é vista apenas como uma festa, sem muito significado ou essência, diferente do que acontece com as pessoas que passaram por todo o processo que a Irmandade de São Benedito proporciona para se tornarem marujos, seja por promessa ou por outros motivos.

Durante as entrevistas em campo, os marujos entrevistados falavam da Marujada como uma importante manifestação cultural que faz um grande sentido em suas vidas, uma festividade onde eles se doam de corpo e alma. Isso pode ser visto nas palavras da Professora Luíndia Azevedo:

Provavelmente a indústria do turismo não atue diretamente sobre a festa e o que ela representa, até porque a maioria das pessoas visitantes do município não se interessa em entender o que está sendo mostrado. Não se interessar em compreender aquilo que está sendo mostrado na Marujada foi o maior enfoque da pesquisa realizada por alguns alunos do curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará, em (2000): A festa é muito bonita. Da mesma forma que podemos encontrar pessoas que demonstram não se importar muito com a Marujada, outras, pelo simples fato de conversar sobre o assunto se emocionam, choram e lembram de fases de sua vida que se relacionam com o festejo em homenagem a São Benedito.¹²

¹¹ Palavra de origem africana, do yorubá, trazida pelos negros malês para a Bahia. É um tipo de bata ou camisolão branco usado pelos muçulmanos que aqui aportaram como escravos. No Carnaval de 1993, o designer Pedrinho Da Rocha, o músico Durval Lelys, da Banda Asa de Águia, e o Bloco Carnavalesco Eva lançaram um novo tipo de fantasia para substituir as antigas mortaldas. Em homenagem ao Mestre Sena, antigo capoeirista e amigo, o designer batizou a nova fantasia de "abadá" que logo virou sucesso em todo o Brasil.

¹² AZEVEDO, Luíndia. *Marujada de Bragança (PA): (des)construções e construções*. Belém: Universidade Federal do Pará.

Segundo dois historiados da cidade de Bragança, Amilca Martins e Dário Benedito da Silva, a Marujada traz grandes laços políticos. Isto já começa a ser visto durante a longa disputa entre o Clero e a Irmandade de São Benedito para uma possível “paternidade” da festa.

Além disso, existem outros sinais de forte expressão política, como no caso dos Juízes da festa. A festividade é composta, dentre outras coisas, por dois juízes, um homem e uma mulher. Esses juízes são como uma espécie de “mecenaz” da festa, responsáveis pelo custeio dos almoços oferecidos nos dias 25 e 26 dezembro, visto que nesses dias a festa tem longa duração, chegando a durar o dia inteiro. Observando o histórico desses juízes, descobrimos que a maioria deles faz parte da elite bragantina ou vem de famílias tradicionais da cidade. É inegável que o posto de juiz na festa traz um grande *status* social. Outro fato é que só pode ser juiz uma vez na vida, portanto, mais do que uma autopromoção, o fato de ser juiz acarreta em uma grande promoção familiar, visto que, várias pessoas de uma mesma família já foram juízes. Segundo o historiador Amilca Martins, os juízes dos próximos nove ou dez anos já foram definidos, esperando apenas nomeação.

Durante a festividade da Marujada existe também a autopromoção. Muitos políticos chegam a ser vestir de marujos durante a festividade. Suas imagens chegam a se confundir com a própria Marujada. Muitos deles frequentam a procissão para se mostrar presentes.

Além de todos esses elementos econômicos e políticos que se transformam em marujadas dentro da própria Marujada, existe outra festa que acontece após a festividade, proporcionada por empresas e prefeitura local. São comuns essas empresas e também a prefeitura da cidade levar aparelhagens famosas para a cidade. Também observamos, principalmente homens, vestidos de marujos nas festas de aparelhagens (*Superpop*, *O Poderoso Rubi*, etc.) São programados shows com os mais diversos cantores, arraias, além de vendas de bebidas alcoólicas.

A Marujada na contemporaneidade

A Marujada resiste a mais de 200 anos atravessando diversas transformações que se produziram no seio da pérola do Caeté, Bragança. A partir da investigação feita neste município, nós alunos de Comunicação, constatamos que apesar de ter chegado à contemporaneidade a Marujada de São Benedito resistiu aos assédios

de “modernização” e adaptação como ocorrera com várias manifestações amazônicas, como a do Boi de Parintins e a Festa do Sairé em Santarém. Grande parte de sua “pureza” se deve aos “guardiões” da tradição, pessoas influentes que moram em Bragança e exercem repressão às tentativas de Híbridões. Segundo Canclini (2001), “[...]híbridões [são] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas”.

Nesse trabalho identificamos que a Marujada alcança uma espécie de auge de prestígio pela população local. Porém esse prestígio tende a descontextualizar as origens que produziram essa manifestação cultural-religiosa. Existe uma espécie de “sacralização” da manifestação em que as raízes com ritos religiosos africanos são negadas com veemência e repreensão. Nesse sentido, percebemos que embora a Marujada não experimente plenamente os processos contemporâneos de híbridões, justamente pela repressão às modificações, observamos que as chamadas práticas discretas, sobretudo os ritos afro-descendentes, são renegados da história da manifestação. Essa renúncia em salientar as origens africanas, talvez possa ser explicada pelo intenso processo de marginalização que essas manifestações historicamente sofreram. Se no passado a Marujada podia ser vista como periférica, hoje ela desfruta de centralidade na religiosidade do município de Bragança, sendo a principal festa religiosa do município, a festividade em homenagem à São Benedito.

Embora a obra de Canclini (2001) apregoe que a contemporaneidade viu surgir a construção linguística e social dos conceitos de híbridão, tornando possível a superação dos discursos biologicistas e essencialistas da identidade, da autenticidade e pureza cultural, a realidade bragantina permanece alheia a essa realidade. Historiadores que já até morreram continuam a influenciar os simpáticos marujos a manterem religiosamente o mesmo culto e não permitir interferências na manifestação de toda a população bragantina, mesmo que essas agradem aos marujos¹³. Isto é, os donos de São Benedito¹⁴ permanecem arraigados à pureza cultural.

Mas a “proteção” não é de todo negativa, pelo contrário, graças à ela a manifestação consegue se manter aberta o suficiente para se manter viva e representando legitimamente a identidade dos bragantinos e abotoada o suficiente para impedir uma interferência que a torne somente um mero espetáculo superficial.

¹³ Em uma ocasião um viajante chegou à Bragança e inseriu o acordeão para tocar as músicas da Marujada. Apesar de a experiência ter agradado bastante aos Marujos da Irmandade, inclusive o presidente, um historiador influente ligou proibindo a interferência como ameaça à pureza do rito e da tradição.

¹⁴ Título de Tese de Mestrado do Marujo e Historiador Dário Benedito.

Grande parte da literatura que narra o surgimento da Marujada é feita a partir de construções historiográficas e, portanto de processos de abstração. Esses processos são entendidos por Canclini (2001) como tendenciosos a desvincular as práticas da história e da mistura em que elas foram formadas. É nesse sentido que ocorre uma absolutização do modo de entender a identidade, rejeitando hipóteses como o sincretismo religioso da religião católica e de uma coexistência entre o sagrado e o profano, rejeição manifestada inclusive por historiadores.

Não chegamos a uma resposta para a não-existência de uma efetiva política de turismo. Se em parte é aceitável que ela não exista devido à proteção exercida pela Irmandade e Igreja, também é provável o oposto, ou seja, uma não continuidade da política turística acaba por não ter a devida força para inserir modificações na manifestação.

Nesse sentido identificamos, mesmo sem que tenham mencionado esse conceito, uma resistência para experimentar hibridações no interior da manifestação em homenagem à São Benedito. Isso é identificado na fala de membros da Marujada que rejeitam a realidade de manifestações que sucumbiram ao apelo turístico a adaptar sobremaneira seus rituais. Assim sugerimos que isto ocorre por suscitar insegurança nas culturas, conspirando contra sua auto-estima etnocêntrica, isto é, ameaçam o seu direito de alegar sua originalidade e diferença.

CONCLUSÃO

Apesar da decorrência dos anos, a festividade que surgiu a partir da criação da Irmandade de São Benedito e a construção da igreja ao padroeiro, mantém sua essência, trazendo pouca ou nenhuma mudança no ritual original. Durante toda a história da Marujada, a festividade teve alguns problemas, dentre eles, o que mais de destacou foi a busca pela possível “paternidade” da festa simbolizada pela disputa entre o Clero e a Irmandade de São Benedito.



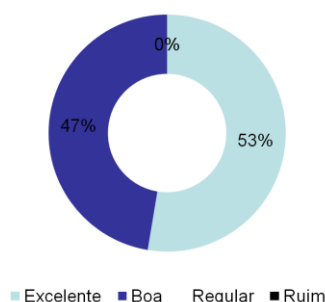
A partir do tema escolhido, fizemos uma pesquisa de campo. Fomos até a cidade de Bragança e conversamos com pessoas que fazem parte da Irmandade de São Benedito, da Igreja, historiadores, assim como o restante da população local. Após algumas

entrevistas, descobrimos várias informações relevantes sobre a Marujada, dentre elas, a que mais se destacou foi que, supomos, existirem várias marujadas dentro da manifestação tradicional. Percebemos que não existe apenas uma Marujada como manifestação cultural, mas várias marujadas anexadas a ela. A partir disso, resolvemos fazer uma instalação artística¹⁵ como mídia para o trabalho final identificando essa descoberta. Para tanto, organizamos pequenas bolas de diferentes cores e dois vasos de vidro, sendo um pequeno e outro grande. O conceito da instalação foi traduzir os diferentes níveis de proteção que a manifestação experimenta. Dessa maneira o primeiro ambiente isolado por vidro e contendo bolas amarelas representa a Marujada da Igreja, imune às possibilidades de transformações ofertadas pela cultura. O segundo ambiente, isolado por um vidro maior contendo bolas transparentes e vermelhas, representa a Marujada da Irmandade, mais flexível, porém ainda hermética. Simbolizando a Marujada Popular, distribuímos várias bolas coloridas ao redor dos vidros, significando a diversidade dessa manifestação.

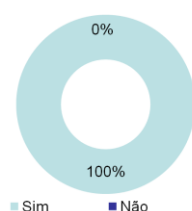
Além disso, foram colocadas fitas coloridas em volta das redomas, o que, pela organização dos objetos, tomou corpo de um chapéu típico da manifestação, o chapéu usado pelas marujas. Também fizemos uma enquete com as pessoas que visitaram a instalação:



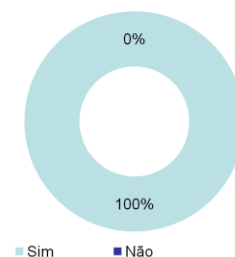
O Que você achou da Instalação Marujada(s) ?



A instalação artística "Marujada(s)" constituída de vidros dispostos de forma circular, dando a idéia de diversidade está adequado com o entendimento da equipe sobre o assunto?



A explicação sobre a instalação "Marujada(s)" ajudou a ampliar seu conhecimento sobre a diversidade existente na marujada?



¹⁵ É uma [manifestação artística](#) onde a obra é composta de elementos organizados em um ambiente fechado. A disposição de elementos no espaço tem a intenção de criar uma relação com o espectador. É uma obra de arte que só "existe" na hora da exposição, é montada e logo após é desmontada, sendo que de lembrança da mesma só ficam fotos. Uma das possibilidades da instalação é provocar sensações: [frio](#), [calor](#), [odores](#), [som](#) ou coisas que simplesmente chamem a atenção do público ao redor.



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luíndia. **Marujada de Bragança (PA): (des)construções e construções**. Belém: Universidade Federal do Pará.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio Latino-americanos)

MORAES, Maria José Pinto da Costa de; ALIVERTI, Mavilda Jorge; SILVA, Rosa Maria Mota da. **Tocando a Rabeca**. Belém: IAP, 2006.

ROSARIO, Ubiratan. **Saga do Caeté: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará**. Belém: Cejup, 2000.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2006.

Bragança (Pará). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragança_\(Pará\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragança_(Pará)). Acesso em: 12 jun. 2010.

Esmolação da Marujada de Bragança. Disponível em: <http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira09/noticia/noticia2.htm>. Acesso em: 18 jun. 2010.

Marujada de Bragança. Disponível em: http://www.pmbraganca.pa.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=191:marujada-de-sao-benedito&catid=7:historia&Itemid=43. Acesso em: 15 de jun. 2010.